



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

14309 - Resumo Expandido - Trabalho - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

GT06 - Educação Popular

Paulo Freire e Fayga Ostrower: o exercício da sensibilidade e do diálogo como ecos do compromisso no processo de humanização

Anna Carolina Eckhardt de Medeiros Rodrigues - UFRRJ - PPGEDUC - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES

PAULO FREIRE E FAYGA OSTROWER: O EXERCÍCIO DA SENSIBILIDADE E DO DIÁLOGO COMO ECOS DO COMPROMISSO NO PROCESSO DE HUMANIZAÇÃO

Resumo: A pesquisa apresentada neste resumo dedicou-se a construir diálogos com as obras de Paulo Freire e Fayga Ostrower. Paulo Freire, educador brasileiro, e Fayga Ostrower, artista, professora e teórica da arte, nascida na Polônia e vinda para o Brasil aos 14 anos, foram contemporâneos, nascidos em 1921 e 1920, respectivamente. Muitos eram os indícios que me instigavam a aproximar ambos, mas esta dissertação teve como objetivo geral dialogar com as categorias de conscientização e sensibilidade dos autores. Diálogo este que se deu em forma de arquipélago (NAVAS, 2007), tendo, portanto, um núcleo que se caracteriza como o ponto de partida e de chegada da pesquisa, e que também reverberam em outros diálogos com estes autores. Assim, metodologicamente esta dissertação buscou se apropriar das discussões sobre investigação e o paradigma indiciário de Carlo Ginzburg (1989, 2012) e tendo como referenciais teórico-metodológicos da pesquisa Paulo Freire e Fayga Ostrower. Em especial, com as ideias de diálogo (FREIRE, 2004) e da sensibilidade como bússola (OSTROWER, 2019). Com estas ferramentas, portanto, foi possível construir um arquipélago formado por ilhas de diálogos que reverberam o diálogo com a conscientização e a sensibilidade, que não se esgota nesta dissertação e que continua a apontar ecos possíveis.

Palavras-chave: Paulo Freire; Fayga Ostrower; sensibilidade; conscientização; diálogo.

Este resumo busca apresentar uma pesquisa de Mestrado em Educação, concluída no ano de 2023, que buscou construir um diálogo entre arte e educação, com os conceitos de conscientização, de Paulo Freire, e sensibilidade, de Fayga Ostrower. Durante a construção da pesquisa foi compreendido que o diálogo com a sensibilidade e a conscientização era o ponto de chegada e o ponto de partida da investigação, tornando os outros diálogos construídos a partir dos pensamentos dos autores, ecos que reverberam a ideia inicial.

A aproximação da metáfora do arquipélago e das ilhas como reverberações se deu inspirada na leitura que o curador Adolfo Montejo Navas (2007) faz da obra da artista carioca Anna Bella Geiger. Anna Bella foi aluna de Fayga Ostrower, sendo até os dias atuais um importante nome na preservação da memória do trabalho e da vida de Fayga. Neste sentido, me apropriar de uma metáfora de sua produção artística é também um movimento de aproximação da Fayga professora e de seus estudantes. Portanto, com Navas (2007) entendo a obra da artista carioca como uma produção que se caracteriza por distanciar-se de uma concepção de progresso, evolução, e que “repousa mais na soma ativa de olhares, de suas leituras, na exploração de matrizes que são quase obsessões e que, como um objeto lançado à água, não deixam de produzir suas ondas e reverberações” (*Ibidem*, p. 16). Com esta ideia compreendi que os diálogos construídos a partir do diálogo inicial da pesquisa aqui apresentada eram reverberações, ecos, deste e que no decorrer da dissertação são entendidos como ilhas que constituem este arquipélago.

O entendimento de que um mesmo diálogo seria o ponto de partida e o ponto de chegada da pesquisa deu-se a partir da compreensão do processo investigativo com Carlo Ginzburg (1989). Instigada pelo historiador a pensar sobre a investigação percebi que Fayga e Freire me mostravam as ressonâncias da compreensão do ser humano em sua inteireza. E é nesta compreensão que entendo que este diálogo inicial é uma evidência, e não um indício (GINZBURG, 2012), pois em ambos os autores não há um entendimento fragmentado do ser humano, pelo contrário. E também identifico a possibilidade de entender que este movimento intuitivo inicial poderia se transformar em uma forma expressiva.

A forma expressiva, um conceito muito caro para Fayga Ostrower (2019), é a criação fruto dos processos criativos, que tem entre eles a intuição. Para a artista/autora, “*o processo criativo intuitivo é sempre de ordem formal*” (*Ibidem*, p. 68 – grifos da autora). Deste modo, entendi a necessidade de pensar não só as temáticas discutidas teórica e metodologicamente, mas também formalmente. Sendo a equivalência da forma ao conteúdo um chamado dos autores em busca de uma pesquisa coerente, apropriei-me da discussão formal no campo das artes visuais da artista/autora para pensar a relação forma e conteúdo na pesquisa. Ostrower (1991) afirma que “reconhecemos do mesmo modo no ‘como’ das formas o ‘o quê’, seu conteúdo expressivo. Em toda obra de arte, a *forma incorpora o conteúdo de tal modo que se torna uma só identidade*. É esta, então, a equivalência de forma e conteúdo” (*Ibidem*, p. 43 – grifos da autora).

E nesta busca por uma construção coerente teórica, metodológica e formalmente a presença de Paulo Freire e Fayga Ostrower como referenciais teórico-metodológicos é fundamental. O diálogo com a sensibilidade e a conscientização como evidência é possível, pois estes conceitos ganham uma dimensão profunda nos pensamentos dos autores. A sensibilidade é uma dimensão complexa presente no pensamento de Fayga em diversas discussões, tornando-se um “fio condutor” em suas reflexões, como a própria afirma (OSTROWER, 2016). A sensibilidade é, então, uma noção que é ao mesmo tempo individual e cultural, caracteriza-se na sobrevivência e é também um sentimento de vida, portanto, possibilitando que esta reverbere em inúmeras discussões.

Já a conscientização é um termo que foi desenvolvido por uma equipe de professores do Instituto Superior de Estudos Brasileiros, por volta de 1964, sendo destacado dentre eles, por Freire, Álvaro Viera Pinto (FREIRE, 1979). Esta explicação faz-se necessária, pois, ainda em vida, Freire fazia questão de afirmar que conheceu este vocábulo por estas discussões. Sobre isto, ele afirma: “percebi imediatamente a profundidade de seu significado, porque estou absolutamente convencido de que a educação, como prática da liberdade, é um ato de conhecimento, uma aproximação crítica da realidade” (*Ibidem*, p. 25). Assim, a conscientização é, para o educador, um processo contínuo de desvelamento crítico da realidade, não podendo existir fora da práxis. A conscientização é um compromisso histórico que se dá na relação consciência-mundo, sendo uma categoria que perpassa a obra freireana até quando não é nomeada. Logo, ambas as categorias que constituem o diálogo principal desta pesquisa são compreendidas como dimensões que ecoam em distintas discussões, por isto a construção formal do texto deu-se em arquipélago.

Este arquipélago de diálogos que constitui a dissertação aqui apresentada é entendido a partir de um núcleo do qual nascem as ilhas, que foram relacionadas a partir da ideia de rotas. O núcleo caracteriza-se pelo diálogo com a conscientização e com a sensibilidade. Diálogo este que inspirado em Paulo Freire como um referencial inserido na tradição de pensamento latino-americano, a Educação Popular (MEJÍA, 2012), marca um posicionamento da pesquisa que se deu comprometida com uma pedagogia situada. Assim, este núcleo deu-se em duas discussões: a perspectiva como forma expressiva e a pedagogia freireana como expressão dos oprimidos; e o cruzar fronteiras: a experiência do exílio e o aprender com a própria história.

Os diálogos construídos em toda a pesquisa deram-se na busca por aproximações com e entre os autores sem deixar de considerar que cada um estava discutindo suas questões específicas em campos de conhecimento distintos. Deste modo, não é desconsiderado que Fayga Ostrower foi uma mulher polonesa que discutia arte. E sim compreendido que suas experiências, tanto no âmbito pessoal, como o exílio que a trouxe para o Brasil ainda criança, quanto suas discussões teóricas e plásticas, são possíveis de serem dialogadas com a concepção de educação libertadora. Uma vez que Fayga também estava inserida em uma compreensão de mundo comprometida com a humanização. Então, o núcleo do arquipélago marca a importância de reforçar a perspectiva como forma expressiva, isto é, o olhar, a forma de ver, carregada de expressividade que se dá sempre inserida em um contexto cultural,

histórico, geográfico, político.

Neste sentido, foi primordial o entendimento de que o processo de humanização é um compromisso de uma luta como categoria existencial e histórica, pois é comprometimento com a ideia da construção do amanhã (FREIRE, 2014). Nesta luta que se dá na compreensão de que somos seres históricos, condicionados, mas não determinados, que a tradição latino-americana da Educação Popular se fortalece e fortalece esta busca. Assim, assumindo que esta luta é situada e se consolida nesta tradição que esta dissertação buscou dialogar também com Fayga Ostrower e as discussões artísticas.

Neste caminhar em busca de dialogar com a artista/autora e assumir os compromissos que a educação libertadora traz, a construção formal do texto fez-se também em diálogo com as discussões teóricas. Neste resumo destaco duas ferramentas metodológicas que foram essenciais: a sensibilidade como bússola (OSTROWER, 1991) e o diálogo (FREIRE, 2004). Fayga ao relatar uma de suas aulas em um curso de história da arte para operários de uma gráfica na cidade do Rio de Janeiro cita um momento com os estudantes. Nele afirma que a sensibilidade é ao mesmo tempo a bússola do artista, possibilitando-o criar para além dos momentos de inspiração, pois ela é responsável pela capacidade de avaliação, de síntese e formulação que ao se integrarem com os conhecimentos e as experiências do artista o possibilitam a criação. E também é a sensibilidade como bússola que permite aos sujeitos que com a criação se relacionam recriá-la a partir de suas próprias emoções, ideias. Sempre dentro do que a obra propõe, como a artista/autora afirma “não basta olhar, é preciso ver” (OSTROWER, 1991, p. 60). É com esta ideia que identifiquei a possibilidade de utilizar minha própria sensibilidade como um instrumento metodológico, que me permitiu recriar as relações existentes a partir do que Fayga e Freire propõem.

E encontrei na sensibilidade uma reverberação do diálogo de uma educação libertadora. Uma posição dialógica, inspirada em Freire (2004), me fez compreender que a sensibilidade se transformava na escuta. Uma escuta que se caracteriza por estar aberto ao outro, mas que não se resume ao consenso. Assim, dialogar com meus interlocutores através de seus textos deu-se no entendimento de que o diálogo, na perspectiva freireana, possibilita a compreensão do inacabamento e do compromisso de falar com o outro e não sobre ou para o outro. Neste sentido, me apropriar desta forma de existência, uma existência dialógica, e compreender a sensibilidade como escuta foi assumir que a pesquisa se deu em um constante movimento de construção com os autores, de com seus escritos buscar as perguntas certas mesmo que as respostas gerassem outras perguntas, outros diálogos, outras ilhas.

Com estas ferramentas parti do núcleo para as ilhas construídas, que ao reverberarem o diálogo inicial reforçam esta discussão e se ampliam para outras temáticas também discutidas pelos autores. Estas ilhas são: o sentimento de vida e o compromisso como decisão lúcida e profunda; o educador e o artista; a linha e a margem da liberdade e da democracia; a linguagem e a metáfora; educar a sensibilidade como compromisso ético; mudança e ímpeto criador; e cansaço existencial e imaginar outros mundos.

As rotas foram criadas por perceber que mesmo independentes, autônomas, todas as ilhas relacionam-se entre si, deste modo, construí caminhos os quais vi como possíveis, porém isto não os torna os únicos. Afinal, segundo Navas (2007) o arquipélago é um “conjunto de ilhas unidas por aquilo que as separa”. Nestas ilhas, portanto, busquei construir diálogos outros com os escritos de Fayga e Freire, o que possibilitou discutir as temáticas apontadas a partir da educação e da arte, buscando aproximações e distanciamentos. Mas sempre assumindo o diálogo com a sensibilidade e a conscientização como ponto de partida e chegada. Neste breve resumo posso, portanto, apontar estas ilhas como resultados da pesquisa, os quais me possibilitaram nesta dissertação construir relações entre e com os pensamentos de Paulo Freire e Fayga Ostrower, e também perceber caminhos futuros.

Compreendendo que quando não separamos a arte da vida, quando assumimos que a arte e os processos criativos, imaginativos e formais não são futilidade ou alienação, reconhecemos também que não podemos existir sem esta dimensão. Sendo esta fundamental no processo de lermos criticamente a realidade afim de transformá-la. Assim, ao compreender que o compromisso com a luta pela humanização não se dá descolado da consciência do sentimento de vida, e que este caminhar é também um compromisso ético com uma existência plena em sua sensibilidade, uma vez que o ímpeto criador de mudança política é também o ímpeto criador que nasce na expressividade individual e coletiva, que a busca pela humanização parte e chega na compreensão do ser humano em sua inteireza.

Neste sentido, esta dissertação apontou ainda caminhos futuros nos quais o diálogo também com os pensamentos dos povos originários faz-se necessário. Pois, ao surgir em uma das ilhas a necessidade de pensar a anestesia histórica (FREIRE, 2001) e a imaginação (OSTROWER, 2019) como a capacidade humana de “*pensar específico sobre um fazer concreto*” (*Ibidem*, p. 32 – grifos da autora) entendeu-se que é urgente dialogar também com formas outras de entender e imaginar o mundo.

Referências

FREIRE, Paulo. **Conscientização**: teoria e prática da libertação – uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. São Paulo: Cortez, 1979.

FREIRE, Paulo. **Política e educação**: ensaios. São Paulo: Cortez, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Terra e Paz, 2004.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. Rio de Janeiro: Terra e Paz, 2014.

GINZBURG, Carlo. **Indagações sobre Piero**: o Batismo, o Ciclo de Arezzo, a Flagelação. Luiz Carlos Cappellano (tradução). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas e sinais**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

MEJÍA, Marco Raúl. **Educação e pedagogias críticas a partir do Sul**: cartografias da educação popular. Tradução de Maria Angélica Lauriano. Rio de Janeiro: NOVAMÉRICA, 2012.

NAVAS, Adolfo Montejo (org.). **Anna Bella Geiger**: territórios, passagens, situações. Rio de Janeiro: Casa da Palavra: Anima Produções Culturais, 2007.

OSTROWER, Fayga. **Universos da arte**. Rio de Janeiro: Campus, 1991.

OSTROWER, Fayga **Acasos da criação artística**. Campinas: Editora da Unicamp, 2016

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação**. Petrópolis: Vozes, 2019.